



Etnomatemática na educação escolar indígena: uma revisão sistemática de dissertações de mestrados profissionais (2013-2023)

DOI: <https://doi.org/10.33871/rpem.2025.14.33.9487>

Ananda Itsu Moraes Conceição¹
Benjamim Cardoso da Silva Neto²

Resumo: A Etnomatemática, proposta pelo professor Ubiratan D'Ambrosio, em 1975, valoriza os diferentes saberes e práticas matemáticas dos diversos grupos culturais. Assim, a pergunta que buscamos responder neste artigo é: qual é o panorama de pesquisa em Etnomatemática em contextos da Educação Escolar Indígena e Educação Indígena em dissertações de mestrados profissionais no Brasil? Dessa forma, a fim de analisar as relações entre as ideias etnomatemáticas e a Educação Escolar Indígena, o objetivo desta pesquisa está fundamentado em uma revisão sistemática das dissertações de mestrados profissionais publicadas de 2013 a 2023. Logo, enfatiza-se que esta é uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, que utiliza como método de coleta de dados a Revisão Sistemática de Literatura. Após o processo de revisão sistemática, foram identificadas 10 dissertações que alinham Etnomatemática à Educação Escolar Indígena, as quais abordam temas como práticas culturais, formação de professores indígenas e estratégias pedagógicas que integram saberes tradicionais às aulas de matemática. Ainda são poucas as dissertações de mestrados profissionais publicadas que aliem as duas perspectivas deste trabalho, mas consideramos serem de extrema relevância no processo de ensino da matemática e fonte de inspiração para trabalhos futuros.

Palavras-chave: Etnomatemática; Revisão Sistemática; Educação; Povos Indígenas.

Ethnomathematics in indigenous school education: a systematic review of professional master's dissertations (2013-2023)

Abstract: Ethnomathematics, proposed by Professor Ubiratan D'Ambrosio in 1975, values the different mathematical knowledge and practices of different cultural groups. Thus, the question we seek to answer in this article is: what is the research panorama in Ethnomathematics in contexts of Indigenous School Education and Indigenous Education in professional master's dissertations in Brazil? Thus, in order to analyze the relationships between ethnomathematical ideas and Indigenous School Education, the objective of this research is based on a systematic review of professional master's dissertations published from 2013 to 2023. Therefore, it is emphasized that this is a bibliographic and qualitative research, which uses the Systematic Literature Review as a data collection method. After the systematic review process, 10 dissertations were identified that align Ethnomathematics with Indigenous School Education, addressing topics such as cultural practices, indigenous teacher training, and pedagogical strategies that integrate traditional knowledge into mathematics classes. There are still few published professional master's dissertations that combine the two perspectives of this work, but we consider them to be extremely relevant in the process of teaching mathematics and a source of inspiration for future work.

Keywords: Ethnomathematics, Systematic Review, Education, Indigenous Peoples.

¹ Mestranda em Ensino de Ciências e Matemática – PPECEM. Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: itsuananda@gmail.com – ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4701-4680>.

² Doutor em Educação em Ciências e Matemática, Universidade Federal do Pará – UFPA. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFMA - Campus São Raimundo das Mangabeiras. E-mail: benjamim.neto@ifma.edu.br – ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1352-472X>.

1 Introdução

Esta pesquisa é fruto de estudos desenvolvidos na disciplina de “Educação para a Diversidade”, do curso de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPECEM) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Dentre os temas abordados em sala, a Educação Indígena e Educação Escolar Indígena, esteve presente em nossas discussões, portanto, buscouse desenvolver um estudo que trouxesse como temática a produção científica no Brasil a respeito dessa abordagem.

Logo, a questão que nos orienta é: Qual é o panorama de pesquisa em Etnomatemática em contextos da Educação Escolar Indígena e Educação Indígena em dissertações de mestrados profissionais no Brasil? Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é realizar uma revisão sistemática das dissertações de mestrados profissionais publicadas de 2013 a 2023, a fim de descrever as relações entre as ideias etnomatemáticas e a Educação Escolar Indígena.

Segundo D’Ambrosio (2020), o conhecimento humano é um processo dinâmico e culturalmente diversificado, manifestando-se na aquisição de habilidades, nas formas de saber e fazer, bem como nas explicações aplicadas ao cotidiano para alcançar a transcendência. Além disso, possibilita a criação de novas estratégias para superar desafios e expressar percepções sobre fatos e características do mundo.

Rosa e Orey (2014) ressaltam que desde o surgimento da humanidade os diversos povos desenvolvem e constroem suas próprias formas de lidar com a realidade à qual estão inseridos, o que inclui o desenvolvimento de suas práticas matemáticas. Ainda conforme os autores, algumas dessas práticas conhecidas foram desenvolvidas no Egito e na Mesopotâmia, porém, certas regiões, até então desconhecidas, também produziam suas próprias formas de saber/fazer.

O movimento da Etnomatemática surge no Brasil em 1975 com estudos realizados pelo professor Ubiratan D’Ambrosio (Scandiuzzi, 2009). Em paralelo com o desenvolvimento desta área de pesquisa, que busca questionar a universalidade da matemática e valorizar os diferentes saberes, entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980 houve um crescimento acerca das discussões dos direitos dos povos indígenas, e uma das reivindicações desses debates incluía a proposta e implementação de processos educacionais diferenciados para os povos originários (Troquez, 2014).

A Etnomatemática como programa de pesquisa insere-se em uma posição de contraste ao discurso eurocêntrico da Educação Matemática, colocando em evidência livros didáticos e currículos que foram impostos pelos europeus durante o processo de colonização (Orey, 2015). Ainda de acordo com Orey (2015, p.248), “durante séculos, esse tipo de currículo foi

reproduzido, visando buscar, de maneira objetiva e subjetiva, os modos de justificar as diferentes formas de discriminação”. Esses currículos eurocêntricos, uma vez institucionalizados, intensificaram a sensação de inferioridade entre os diferentes grupos culturais.

A Etnomatemática possui um óbvio caráter antropológico, além de apresentar um indiscutível foco político (D’Ambrosio, 2022). Desse modo, Leite (2017) enfatiza que dessa afinidade política e teórica entre o Programa Etnomatemática e o movimento da Educação Escolar Indígena, surgiram vários estudos e pesquisas que visavam problematizar as políticas oficiais da educação escolar, reconhecer e valorizar as características socioculturais, bem como suas formas de saber/fazer, as quais são distintas daquelas que são praticadas pela instituição escolar.

Desse modo, esta pesquisa foi desenvolvida em torno de uma Revisão Sistemática de Literatura, em que buscou-se identificar e descrever dissertações de mestrados profissionais que aliaram a Etnomatemática à Educação Indígena e Educação Escolar Indígena. Apesar dessa modalidade de mestrado ter sido implantada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 1995, a regulamentação aconteceu apenas em 1998 pela Portaria nº 80/1998, mas foi conceitualmente definida somente em 2009 pela portaria nº. 07/2009 (Virmond, 2002; Maciel e Nogueira, 2012; Paixão e Bruni, 2013).

Nos próximos tópicos, será abordada a fundamentação teórica sobre a Etnomatemática, além de um breve histórico da instauração dos mestrados profissionais. Após a busca e seleção de trabalhos, 11 dissertações foram inicialmente selecionadas; no entanto, apenas 10 foram consideradas, devido aos critérios de inclusão e exclusão. Embora não seja uma quantidade expressiva, esses trabalhos possuem relevância significativa, pois servem como fonte de inspiração para professores que ensinam matemática.

2 Todos possuem suas *ticas de matema* dentro de seu *etno*

O Programa Etnomatemática investiga como a humanidade, ao longo do tempo, desenvolveu formas de sobrevivência em diferentes contextos sociais, naturais e culturais (D’Ambrosio, 2018). Além disso, busca compreender o processo de transcendência, analisando a história das ideias e a evolução comportamental e cognitiva da espécie humana em diversos ambientes. Para o autor, “a ideia central é a Etnomatemática, que surge do reconhecimento de que diferentes culturas têm maneiras diferentes de lidar com situações e problemas do cotidiano e de dar explicações sobre fatos e fenômenos naturais e sociais” (D’Ambrosio, 2018, p. 189).



Neste contexto, o Programa Etnomatemática tem como grande motivador entender o saber/fazer matemático da humanidade ao longo do tempo, buscando sempre contextualizar esses saberes/fazeres ao momento em que foram praticados e ao povo, nação e grupo os quais estão interligados (D'Ambrosio, 2022). A partir das raízes do vocábulo “Etnomatemática”, D'Ambrosio sustenta a sua definição da etimologia da palavra:

Ao conceituar Etnomatemática, no sentido amplo, pratiquei um abuso etimológico com a apropriação “livre” de raízes gregas: *techné [tica]* significando maneiras, estilos, artes e técnicas; *matema* significando fazer e saber, as explicações, os entendimentos, o ensinar e apreender para lidar com situações e resolver problemas de seu próprio *etno*, que significa o meio ambiente natural, socioculturais e imaginário. Assim, usando essas raízes gregas, as maneiras, estilos, artes e técnicas [ticas] para fazer e saber, explicar, entender, ensinar e apreender [*matema*] no meio ambiente natural, sociocultural e imaginário [*etno*], podem ser sintetizados em uma palavra composta: ticas de *matema* em distintos etnos ou tica+matema+etno ou, reorganizando a frase, etno+matema+tica ou simplesmente Etnomatemática (D'Ambrosio, 2018, p. 192).

A busca pelo conhecimento, independente da época ou lugar, descende da necessidade de compreender as situações do cotidiano, buscando respostas aos problemas que surgem em meio à vida diária, logo, está intimamente ligado ao contexto social, natural e cultural (D'Ambrosio, 2005). Hoje conseguimos identificar manifestações em diferentes culturas que se assemelham ao conhecimento que se denomina matemática acadêmica, e tem havido um reconhecimento acerca da importância das relações interculturais. Porém, ainda existem resistências na implementação dessas relações intraculturais na educação (D'Ambrosio, 2005).

Rosa e Orey (2005) avaliam que a definição de D'Ambrosio sobre o Programa Etnomatemática tem em seu aspecto político um destaque mais elevado do que seu aspecto antropológico. Ubiratan D'Ambrosio apresenta o programa como uma proposta política com uma carga ética, voltado para a reconstituição do valor cultural humano. Orey (2015) ressalta que quando compreendidos dentro do seu ambiente cultural, as ideias, os procedimentos e as práticas matemáticas desenvolvidas por diferentes grupos não são banais, pois retratam o ambiente e realidade que estão inseridos os membros desses grupos.

O Programa Etnomatemática promove o respeito pelas diferenças culturais, pela solidariedade e pela cooperação, para que cada grupo sociocultural continue a construir um mundo equânime. Reconhecendo e valorizando as diversas formas de pensar, classificar, medir e comparar de cada grupo, a Etnomatemática contribui para a ampliação do conhecimento ao longo do tempo. Dessa forma, enfatiza a importância da diversidade cultural na construção de um conhecimento matemático mais inclusivo, abrangente e acessível (Scandiuzzi, 2004).



D'Ambrosio (2012) destaca que colocamos em ênfase uma determinada região e um período específico quando abordamos o conhecimento matemático tendo como referência a matemática acadêmica. Conforme o autor, a Matemática institucionalizada que conhecemos hoje tem suas origens nas regiões próximas ao Mar Mediterrâneo, apesar de outros povos e culturas terem influenciado na construção desse conhecimento. Desse modo, o conhecimento matemático praticado por esses povos derivados das civilizações ocidentais se impôs a todo o planeta, inclusive aos territórios invadidos e dominados por eles.

No que se refere ao Novo Mundo, particularmente à América Latina, cabe aos historiadores das ciências a recuperação de conhecimentos, valores e atitudes, muitas vezes relegados a plano inferior, ignorados e às vezes até reprimidos e eliminados, que poderão ser decisivos na busca desses novos rumos. Cabe reconhecer que somos uma cultura triangular, resultado das tradições europeias, africanas e ameríndias, e que isso tem um impacto permanente em nosso quotidiano latino-americano (D'Ambrosio, 2012, p. 339).

Segundo Farias e Mendes (2014), os rastros das sociedades humanas são dados pelas culturas desde o seu nascimento, já que estamos imersos em um grupo cultural no qual somos expostos a uma herança de conhecimentos. Ainda conforme os autores, a partir do século XIX, com a sistematização pelas ciências humanas e sociais, especialmente pela Antropologia, o conceito de cultura passou a transversalizar diversas áreas do conhecimento. A Educação é colocada em evidência neste processo, pois é imprescindível que seja discutida alinhada à cultura, já que é uma parte integral dela, estabelecendo uma relação recíproca.

Embora o Brasil seja um país colonizado e tenha passado por diversas situações de apagamento da história e das raízes dos povos que já viviam neste território, ainda há muitos equívocos com relação aos povos originários. Freire (2016) elenca cinco ideias equivocadas sobre os povos indígenas, sendo uma delas a percepção genérica que os próprios brasileiros têm sobre o seu povo, considerando equivocadamente os povos originários como pertencentes a uma só cultura, falantes de uma só língua e possuidores dos mesmos costumes, crenças e saberes. O autor questiona por que os europeus não são vistos da mesma forma, já que portugueses, franceses e espanhóis estão situados no mesmo continente. Logo, percebe-se que a forma comum — europeus — não apaga as particularidades de cada um, e assim deveria ser com os povos indígenas.

A segunda ideia elencada por Freire (2016) é o fato de que brasileiros negam a presença dos povos que já habitavam este território na formação de sua identidade. Muitos povos imigraram no Brasil e diversificaram ainda mais a cultura do nosso povo, mas devido ao domínio político e militar dos europeus, a tendência dos brasileiros foi de voltar sua identidade



ao “vencedor”, excluindo etnias indígenas e africanas.

Para Farias e Mendes (2014, p. 32), “as diferenças culturais não evidenciam a inferioridade ou a superioridade de uma cultura sobre a outra, pois cada grupo social se adapta de uma forma específica ao meio natural circundante”. Infelizmente, muitos indivíduos ainda acreditam ser superiores por dominarem certos tipos de conhecimento, mas atualmente sabemos que ideias como estas são totalmente errôneas, pois cada povo e cada cultura possuem conhecimentos que são essenciais para lidar com as situações do próprio cotidiano.

É possível admitir que as matemáticas são, naturalmente, uma parte das culturas. Cada sociedade herda de seus predecessores, ou vizinhos contemporâneos, alguns modos de contar, calcular, medir e exercitar outras habilidades que fazem com que as matemáticas se tornem uma forma de conduta em busca de respostas às questões geradas no contexto sociocultural. Tal herança é acumulada como fruto do processo relacional que envolve a sociedade na produção sociocognitiva focalizada na cultura matemática, criando com isso o patrimônio sociocultural que compõe o acervo da cultura matemática no contexto sociocultural ao longo do nosso desenvolvimento histórico (Farias; Mendes, 2014, p. 43).

Atualmente conhecido como Brasil, estima-se que no período entre o final do século XV e início do século XVI, este território estava habitado por mais de 1600 grupos originários, habitando as mais variadas regiões do país e totalizando mais de 12 milhões de pessoas e cerca de 1400 línguas maternas diferentes (Baniwa, 2022). Muitos eventos marcaram a trajetória dos povos originários, desde a invasão, o sofrimento, a exclusão e a indiferença até a conquista de direitos mínimos e reconhecimento. A história desses povos é repleta de resistência e luta, evidenciada por inúmeros fatos que narram sua trajetória.

No final das décadas do século XX, intensificam-se os conflitos envolvendo indígenas e não indígenas por conta de territórios, o que fez com que as pautas dos direitos dos povos originários se voltassem para as discussões nacionais e internacionais (Gonzaga, 2021). Alguns direitos específicos dos povos indígenas só foram incluídos na Constituição de 1988, como o direito à terra que já habitavam, a aplicação das línguas maternas e a utilização de seus próprios métodos de aprendizagem (Troquez, 2014; Gonzaga, 2021).

De acordo com Baniwa (2022), atualmente existem várias maneiras pelas quais as comunidades indígenas manifestam sua resistência e expressão sociocultural, que incluem a busca pela autonomia e o protagonismo de suas aldeias, povos e organizações. Os movimentos indígenas são bem estruturados, dinâmicos e criativos, e se apresentam por meio de diversas mobilizações e participação política organizada, além de produzir arte e pesquisa acadêmica e desenvolver seus próprios projetos de educação, saúde e autossustentação.

Infelizmente, o processo de reconhecimento da identidade cultural indígena não avançou como deveria, mesmo com a modernização dos meios de informação e comunicação. No próximo tópico, apresentamos um pouco do histórico dos mestrados profissionais e como foram sistematizados.

3 Mestrados Profissionais

O ensino de pós-graduação no Brasil começa a ser implantado na década de 50, e em 11 de julho de 1951, por meio do Decreto nº 29.741 da Presidência da República, é estabelecida uma Comissão destinada a promover a Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Essa iniciativa surge concomitantemente a outros órgãos e agências que desempenharam e, em muitos casos, continuam a ter uma presença significativa na vida nacional. Entre esses, destacam-se a Comissão Nacional de Política Agrária, a Comissão Nacional de Alimentação, o Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) e a estatal Companhia de Petróleo Brasileiro – Petrobras (Piquet; Leal; Terra, 2005).

A ideia de introduzir cursos de mestrado voltados para a qualificação profissional, designados mestrados profissionais, faz parte do sistema de pós-graduação brasileiro desde o seu início, ainda nos anos 50. No entanto, a implementação desses cursos só foi concretizada a partir de 1995, com a promulgação da Portaria nº 47 da Capes (Piquet; Leal; Terra, 2005).

Fisher (2005) enfatiza que o Mestrado Profissional (MP) enquanto atividade acadêmica definida é um acontecimento relativamente recente na Pós-Graduação do Brasil, pois os primeiros cursos datam de meados dos anos 90. Reconhecido como uma necessidade e uma rota alternativa de formação em comparação com a formação *stricto sensu* voltada para o ensino e pesquisa, o MP busca direcionar o ensino para a aplicação prática (Fisher, 2005). Segundo a autora, o MP demorou ser implementado, pois,

A pós-graduação brasileira vive, desde o seu início, uma espécie de síndrome bipolar entre valores, padrões e critérios de ensino e avaliação estritamente acadêmicos e as exigências de formação do mundo do trabalho. O mestrado profissional é a forma mais visível dessa disputa entre lideranças da comunidade acadêmica e das instituições que defendem tradições ou inovações como se fossem mutuamente exclusivas (Fisher, 2005, p. 24-25).

No ano de 1995, no texto intitulado "Capes: Metas da Atual Gestão", assinado pelo recém-designado presidente da Capes, Abílio Baeta Neves, estão evidentes referências à necessidade de revisão do modelo predominante de pós-graduação, que priorizava a formação



de profissionais acadêmicos como estratégia de desenvolvimento. O documento também reconhece que essa escolha foi apropriada para a situação do país naquela época (Barros; Valentim; Melo, 2005). Conforme os autores destacam, o referido documento ressalta a importância de flexibilizar o modelo de pós-graduação *stricto sensu*, especialmente no nível de mestrado, a fim de atender às necessidades do mercado não acadêmico. O mestrado profissional é regulamentado desde 1995, sendo orientado por portarias e resoluções que buscam estabelecer distinções entre cursos acadêmicos e profissionais (Fisher, 2005).

O mestrado profissional, classificado como um mestrado *stricto sensu*, logo adere aos métodos próprios dessa categoria. Embora seja direcionado a profissionais com foco em conteúdos aplicados, as atividades de pesquisa devem ser integralmente incorporadas tanto nas disciplinas quanto na dissertação. Assim sendo, o curso visa capacitar o profissional para pesquisa, desenvolvimento e inovação, além de cultivar a habilidade de atuar como multiplicador, compartilhando seus conhecimentos com outros profissionais em sua área de atuação (Quelhas; Faria Filho; França, 2005).

A identidade dos MP consiste no consequente compromisso de obter conteúdos teórico-metodológicos capazes de dar conta das análises e estudos da vantajosa riqueza da biodiversidade do país, bem como em obter os meios, a legitimidade social e maior viabilidade para a sua aplicação. Trata-se então da construção de marcos conceituais analíticos em articulação com setores da sociedade para, dessa forma, criar os mecanismos da aplicabilidade dos resultados da pesquisa. É uma inserção dos mestrados na sociedade e, portanto, uma maior aproximação e articulação entre a universidade e a realidade social (Negret, 2008, p. 2019).

Desse modo, buscamos com esta pesquisa identificar dissertações que aliaram as ideias etnomatemáticas e a Educação Escolar Indígena. No tópico a seguir, descreve-se o processo metodológico, quais foram essas dissertações, seus autores, orientadores e instituições.

4 Delineando o Percurso

Conforme Minayo (2016), a metodologia é o caminho que orienta o pensamento e a prática ao se abordar a realidade. Esse estudo é uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e utiliza-se do método de Revisão Sistemática de Literatura. Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é uma parte fundamental de quase todas as pesquisas científicas, caracterizando-se pela utilização de estudos já publicados.

Ainda de acordo com Minayo (2016), a pesquisa qualitativa responde a questões específicas, especialmente dentro das Ciências Sociais, voltando-se ao conjunto de significados,



motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. A autora entende esses aspectos humanos como parte da realidade social, pois o indivíduo se caracteriza não só por suas ações, mas também pela capacidade de refletir sobre elas e interpretá-las no contexto de sua vida e interação com os outros.

Galvão e Ricarte (2020) entendem Revisão Sistemática de Literatura como uma modalidade de pesquisa que segue procedimentos específicos, uma vez que seu foco está voltado na busca por entender uma determinada lógica de um vasto *corpus* documental. Mediante suas investigações acerca da Revisão Sistemática de Literatura, Mendes e Pereira (2020) elaboraram uma proposta para a construção de uma Revisão Sistemática na área de Educação Matemática. Dessa forma, prosseguiremos conforme as etapas propostas pelos autores: I. Objetivo e Pergunta; II. Busca dos Trabalhos; III. Processos de seleção das pesquisas; IV. Análise das produções e V. Apresentação da revisão.

4.1 Etapa I: Objetivo e Pergunta

Sampaio e Mancine (2007) esclarecem que assim como qualquer outra modalidade de pesquisa, para a realização de uma boa revisão sistemática é necessária uma pergunta que direcione o estudo, necessitando ser clara e bem formulada. Okoli (2019, p. 13) reforça essa ideia quando afirma que “o primeiro passo para realizar uma revisão de literatura é claramente definir seu propósito”.

Nesta etapa foram definidos o objetivo e a pergunta que nos direcionam. Dessa forma, temos por finalidade realizar uma revisão sistemática das dissertações de mestrados profissionais publicadas de 2013 a 2023, a fim de descrever as relações entre as ideias etnomatemáticas e a Educação Escolar Indígena, levando como questão orientadora de percurso: Qual é o panorama de pesquisa em Etnomatemática em contextos da Educação Escolar Indígena em dissertações de mestrados profissionais no Brasil?

4.2 Etapa II: Busca dos Trabalho

Nesta etapa foi definido o banco bibliográfico das dissertações. As buscas foram realizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)³, que permite o refinamento dos resultados de acordo com o tipo de trabalho. Como o foco desta pesquisa são dissertações, fez-se a separação entre dissertações de mestrados profissionais e dissertações de mestrados acadêmicos. Para

³ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>



identificação das trabalhos optamos por utilizar somente o termo “etnomatemática”. No Quadro 1, temos o resumo do protocolo utilizado para as buscas.

Quadro 1 – Protocolo de buscas

| | |
|-------------------------------------|---|
| Base de busca | Dissertações de Mestrados Profissionais presentes no Catálogo da CAPES |
| Período | 2013 – 2023 |
| Termos de busca | Etnomatemática |
| Critérios de Inclusão | Dissertações que aliamaram Etnomatemática à Educação Indígena e Educação Escolar Indígena, incluindo Formação de Professores. |
| Critérios de Exclusão | Textos completos não encontrados para realização de download e arquivamento, pesquisas que não trataram sobre Educação Escolar Indígena ou contextos indígenas. |
| Quantidade de trabalhos encontrados | 139 dissertações |

Fonte: elaborada pelos autores.

Esta etapa de buscas foi realizada no dia 16 de junho de 2024. O marco temporal adotado foi definido a partir a primeira publicação do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES de dissertações de mestrados profissionais, que datam do ano de 2013.

4.3 Etapas III: Processos de Seleção

Mendes e Pereira (2020) alertam que, embora os trabalhos encontrados se relacionem de alguma forma com a pesquisa, nem sempre serão úteis para a obtenção do objetivo do estudo. Nesta fase temos a seleção das pesquisas que se encaixam dentro dos critérios de inclusão adotados e da análise dos trabalhos selecionados. Inicialmente, analisamos títulos, resumos e palavras-chave. Posteriormente, as dissertações pré-selecionadas foram analisadas de forma mais precisa com o intuito de observar sua utilidade para compor o *corpus* desta pesquisa. A seleção definitiva é realizada nesta fase. No Quadro 2, apresenta-se o quantitativo de trabalhos identificados e selecionados conforme seus anos de defesa.

Optamos por usar o termo geral “etnomatemática” nas buscas das dissertações, como já informado, totalizando 139 resultados. Após a análise de títulos e resumos, selecionamos 11 trabalhos que estavam voltados para a perspectiva dessa pesquisa, mas apenas dez se encaixam nos critérios de inclusão.



Quadro 2 – Dissertações por ano de publicação

| ANO | QUANTIDADE |
|------|------------|
| 2013 | - |
| 2014 | - |
| 2015 | - |
| 2016 | - |
| 2017 | 1 |
| 2018 | 1 |
| 2019 | 3 |
| 2020 | 1 |
| 2021 | - |
| 2022 | 3 |
| 2023 | 1 |

Fonte: Elaborado pelos autores.

Após a seleção dos 11 trabalhos, não foi possível localizar o texto completo de um deles, o que desencadeou critério de exclusão. Portanto, ao analisarmos os dez trabalhos identificados, como podemos inferir ao visualizar o Quadro 2, verifica-se que dentro dos mestrados profissionais ainda há pouca produção envolvendo Etnomatemática e Educação Escolar Indígena. Martins, Lucena e Monteiro (2024) elaboraram um texto com o objetivo de mapear pesquisas acadêmicas brasileiras (Teses e Dissertações) em Etnomatemática de 2005 a 2023, por intermédio de uma Revisão Sistemática, identificando 86 trabalhos voltados para o contexto Indígena. Os autores não fazem distinção entre Mestrados Acadêmicos, Profissionais e Doutorado, logo, não é possível identificar a quantidade exata de produções acerca de cada nível mencionado. No entanto, podemos perceber a grande presença da temática dentro dos programas acadêmicos.

4.4 Etapa IV: Análise das Produções

Segundo Mendes e Pereira (2020; p. 224), “a análise das produções consiste em extrair os dados pertinentes ao objetivo da pesquisa”. Levando em consideração a proposição dos autores, os objetivos aqui propostos são a identificação dos estudos e a descrição deles. Após a seleção das dissertações, nesta etapa analisamos e extraímos os dados que nos ajudaram a responder nossa pergunta de pesquisa. Na apresentação da revisão, configurando-se como a próxima etapa, apresentamos detalhadamente os trabalhos que foram selecionados e analisados que compõe o *corpus* desta pesquisa.

5 Apresentação da Revisão: Etapa V

No processo de busca e seleção da Revisão Sistemática, identificamos 11 dissertações de mestrados profissionais, mas após análise apenas dez foram consideradas. Apesar do marco



inicial adotado ter sido de 2013, os trabalhos selecionados foram defendidos entre 2017 e 2023, com uma concentração de defesa mais abrangente nos anos de 2019 e 2022, o que sugere um crescimento recente do interesse acadêmico pelo tema. A seguir, no Quadro 3, temos o ano de defesa, o autor e título de cada dissertação selecionada.

Quadro 3: Dissertações de mestrados profissionais identificadas

| AUTORIA (ANO) | TÍTULO |
|----------------------------|--|
| Oliveira (2017) | Itinerários da Construção de um Livro Didático de Matemática a partir dos afazeres dos agentes Agroflorestais Indígenas do Acre |
| Oliveira dos Santos (2018) | O Ensino de Matemática com os índios Suruí |
| Castro (2019) | Artes de fazer/modos de usar Etnomatemática e Práticas Culturais Indígenas Nokê Koî em Contextos Formativos |
| Lopes dos Santos (2019) | O Ensino de Matemática por meio das crenças Guarani/Kaiowá e a repercussão na identidade de Professores Indígenas na região de Dourados/MS |
| Moura (2019) | Saberes Guarani Tambeopé em aulas de Matemática da Educação Básica: um olhar Etnomatemático às suas Mba'eitxa Oo Djadjapo |
| Silva (2020) | O Fazer Pedagógico de um grupo de Profissionais da Educação Indígena: Um estudo de inspiração Etnomatemática |
| Mampuche (2022) | O Céu do Povo Manoki e seus Ensinamentos sobre a terra |
| Sande (2022) | Trançados Amazônicos do povo Bora e a Etnomatemática no Processo de Ensino-Aprendizagem da Matemática |
| Pedro (2022) | Etnomatemática Presente na Cultura e na Cosmologia Kaiowá da Aldeia Panambizinho/MS |
| Santos (2023) | Jogos Indígenas e Jogos Matemáticos na Educação Escolar Indígena Pataxó de Porto Seguro |

Fonte: Elaborado pelos autores.

Oliveira (2017) produziu seu trabalho voltado aos Agentes Agroflorestais Indígenas (AAFI), com objetivo de criar um livro didático para futuros cursos de AAFI. Esse material foi engendrado com base em três princípios: 1) A experiência do autor na mediação dos módulos de ensino de matemática no Centro de Formação dos Povos da Floresta; 2) A integração da matemática global com a matemática local dos indígenas, conforme as necessidades dos AAFI observadas nos cursos; 3) A inclusão de um resgate histórico das formas de quantificação indígenas e dos problemas relacionados às atividades da AAFI. Com o intuito de manter vivas as raízes dos povos indígenas, a pesquisadora elenca as práticas matemáticas desses povos, garantindo a preservação de conhecimentos que perpassam gerações.

O trabalho de Oliveira dos Santos (2018) teve origem após a percepção da dificuldade de alunos indígenas Suruí Paíter, do Instituto Federal de Rondônia, no que se refere à matemática acadêmica. O ensino da matemática é proposto a partir do contexto e da etnicidade dos Suruí, partindo das hipóteses de que isso desmistificará a matemática e se tornará mais próximo da realidade cotidiana desse povo. O trabalho destacou a etnomatemática como uma

prática pedagógica eficaz, além da valorização sociocultural.

A pesquisa de Castro (2019) tem sua origem ainda dentro do Curso de Educação Escolar Indígena, que foi oferecido à comunidade indígena do estado do Acre pela Universidade Federal do Acre. No percurso da dissertação, a autora revela que a sua ligação com a comunidade surgiu antes mesmo do curso. O objetivo da pesquisa foi descrever como as práticas culturais dos indígenas Nokê Koî podem representar formas alternativas de enxergar o ensino e a aprendizagem de matemática em diversos contextos formativos. A pesquisa foi voltada para a Formação Inicial em Licenciatura em Matemática.

A dissertação de Lopes dos Santos (2019) investigou a formação inicial de 11 professores indígenas das etnias Guarani, Kaiowá e Terena, da Licenciatura em Educação Intercultural Indígena com habilitação em Matemática da Faind/UFGD. O trabalho analisou uma sequência didática na formação de professores de Matemática e explorou métodos de ensino sustentado nos saberes indígenas.

Moura (2019) desenvolveu sua pesquisa em uma escola municipal de Ensino Fundamental do estado do Espírito Santo e investigou estratégias para incorporar a cultura Guarani Tambeopé nas aulas de Matemática da Educação Básica, focando nas técnicas de construções (mba'eitxa oo djadjapo), com a intenção de ressignificar a cultura indígena Guarani Tambeopé e desenvolver estratégias e possibilidades desses saberes no ensino de Matemática.

Silva (2020) tem sua pesquisa direcionada também para a formação de professores. Em seu trabalho, investigou as opiniões de professores do Ensino Fundamental em aldeias indígenas de Ourilândia do Norte – PA sobre o ensino de Matemática, visando práticas pedagógicas pautadas nas culturas dos alunos. Os resultados destacam a necessidade de formar grupos de estudos contínuos com professores de comunidades indígenas para criar, analisar, desenvolver e redesenhar tarefas específicas para esses estudantes.

Mampuche (2022) traz uma investigação sobre os marcadores de tempo Manoki e registra as histórias, aprendizados, observações, rituais e festas culturais para a compreensão do universo Manoki e sua localização no tempo e no espaço. No estudo desse autor, além de poder trabalhar com a Etnomatemática, pode-se envolver outras áreas do conhecimento, como as ciências em um contexto mais amplo.

Sande (2022) traz uma proposta de ensino de Matemática voltada ao Ensino Fundamental, mais especificamente o 8º ano, envolvendo alguns conteúdos como o conceito de simetrias, transformações geométricas e cálculo de áreas, dinamizando a abordagem geométrica com a associação destes conteúdos ao artesanato da cultura Bora. A autora buscou uma nova possibilidade ao trabalhar os conteúdos matemáticos aliado às realidades culturais,

na tentativa de melhorar a dinâmica da aprendizagem.

Pedro (2022) procurou contribuir para o fortalecimento dos saberes e fazeres presentes na cosmologia dos Guarani Kaiowá. A autora teve como propósito a visibilidade desses saberes tradicionais a fim de preservá-los, uma vez que mora na aldeia Panambizinho. Dessa maneira, tem-se um produto educacional que poderá ser utilizado por professores indígenas nas escolas indígenas, fator que promoverá o desenvolvimento dos saberes tradicionais da comunidade Guarani Kaiowá.

Por fim, temos Santos (2023), que apresenta uma pesquisa descritiva autobiográfica, pois é um educador indígena e tem toda a vivência do cotidiano da cultura Pataxó. Em consequência dessa inserção, focalizou seu trabalho nos jogos indígenas e na matemática da Educação Escolar Indígena. Como resultado de seus estudos, o autor organizou um livreto de jogos matemáticos com adaptações para as especificidades do povo Pataxó.

Com a descrição e leitura aprofundada das dissertações, separamos os trabalhos em três temas principais que foram abordados. No Quadro 4, apresentamos essa categorização.

Quadro 4: Categorização dos trabalhos selecionados

| PRINCIPAIS TEMAS ABORDADADOS | | |
|---|--|---|
| Formação de Professores | Materiais Didáticos e Ensino de Matemática | Práticas Culturais e Etnomatemática |
| Lopes dos Santos (2019) Castro (2019) Da Silva (2020) | Oliveira (2017) Santos (2023) | Oliveira dos Santos (2018) Moura (2019) Pedro (2022) Mampuche (2022) Sande (2022) |

Fonte: Elaborado pelos autores.

O primeiro grupo reúne trabalhos que investigam a capacitação docente para integrar saberes matemáticos tradicionais e acadêmicos no ensino. Os estudos analisam metodologias e desafios enfrentados na formação de professores, bem como estratégias para promover uma abordagem mais contextualizada e cultural no ensino da matemática.

As pesquisas da segunda categoria focaram na elaboração de materiais pedagógicos que valorizam a cultura indígena, perscrutando formas de aproximar o ensino da matemática aos contextos culturais dos estudantes. Os trabalhos abordam a criação de recursos didáticos e a implementação desses materiais no ensino básico.

O terceiro grupo abrange estudos que exploram a forma como os saberes matemáticos tradicionais são utilizados em diferentes contextos culturais, demonstrando diferentes maneiras de matematizar no cotidiano de comunidades tradicionais. Essas pesquisas reiteram importância da valorização dos conhecimentos matemáticos praticados fora do ambiente acadêmico formal.



Com relação às metodologias empregadas nas dissertações, todas adotaram a abordagem qualitativa, mas há forte presença de pesquisa etnográfica, participativa e colaborativa. Consequentemente, percebemos a diversidade metodológica, o que reforça a importância de adaptar o ensino matemático às realidades e práticas socioculturais dos povos indígenas. As pesquisas de Sande (2022) e Pedro (2022) vão além, pois adotam abordagens interdisciplinares ao relacionarem matemática com elementos culturais como arte, cosmologia e narrativas tradicionais.

No Quadro 5 temos os autores, as Instituições de Ensino Superior (IES) das dissertações e os respectivos Programas de Pós-Graduação ao qual estão vinculados.

Quadro 5: Especificações das dissertações

| AUTORIA (ANO) | IES | PROGRAMAS DE PÓS – GRADUAÇÃO |
|----------------------------|---------------|---|
| Oliveira (2017) | UFAC | Ensino de Ciências e Matemática |
| Oliveira dos Santos (2018) | Faculdade EST | Em Teologia |
| Castro (2019) | UFAC | Ensino de Ciências e Matemática |
| Lopes dos Santos (2019) | UEMS | Educação Científica Matemática |
| Moura (2019) | IFES | Educação em Ciências e Matemática |
| Silva (2020) | UNIVATES | Ensino De Ciências Exatas |
| Mampuche (2022) | UNEMAT | Ensino em Contexto Indígena Intercultural |
| Sande (2002) | UFRB | Matemática em Rede Nacional |
| Pedro (2022) | UEMS | Educação Científica e Matemática |
| Santos (2023) | UFMG | Educação e Docência |

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que diz respeito à distribuição geográfica, identificamos dissertações oriundas de diferentes regiões do Brasil, o que demonstra um compromisso nacional com a valorização das culturas indígenas e a necessidade de sua incorporação no ensino de matemática, com destaque para instituições localizadas na região Norte e Centro-Oeste, onde há uma maior presença de comunidades indígenas. Ademais, ressalta-se a forte presença de dissertações provenientes de Programas de Pós-graduação em Ensino, elemento que reforça o compromisso dessas instituições com a formação de educadores que compreendam e valorizem a diversidade cultural.

Em vista disso, o que podemos inferir diante de tudo o que foi exposto é a preocupação da manutenção e preservação de saberes/fazeres de povos que são de extrema importância para o nosso país, povos que passaram por intensos sofrimentos ao longo dos anos, silenciados de sua cultura e formas de viver no mundo. Trabalhos como os apresentados são fundamentais dentro do ensino de Matemática, levando-se em consideração que é preciso soltar as amarras

que nos prendem a uma matemática que ainda se configura universal, além de servirem como fonte de inspiração para outros educadores que buscam formas de melhorar a sua prática docente, incorporando outras formas de ver o conhecimento matemático. Ressaltamos, mais uma vez, que não estamos negando a importância da matemática acadêmica; no entanto, é preciso ir além e aliar esse conhecimento matemático acadêmico a outras formas de fazer matemática, valorizando e reconhecendo todas as formas de matematizar.

6 Considerações Finais

A pesquisa revela que ainda há uma produção limitada de dissertações profissionais sobre o tema investigado. Ainda assim, percebemos que os trabalhos analisados geram a necessidade de uma preocupação com a proteção e a perspectiva valorativa dos saberes indígenas. Inclui-se, nessa linha de pensamento, a importância de uma abordagem docente que considere as práticas culturais específicas de cada grupo com o propósito de promover uma educação mais inclusiva e contextualizada, colaborando para a construção de um conhecimento matemático que respeite e valorize a diversidade cultural.

Destarte, acreditamos ter respondido à questão proposta nesta pesquisa e visualizamos que a produção de dissertações de mestrados profissionais em contextos indígenas, apesar de limitada, está presente em todas as regiões do país, com a área de Ensino ganhando destaque devido a essas produções. Trabalhos como os apresentados aqui nos mostram ser possível a integração dos saberes e o alinhamento de conhecimentos tradicionais ao conhecimento acadêmico, trazendo aos alunos uma nova forma de ver a matemática para evidenciar que ela é uma realidade concreta e não apenas abstrata. Além disso, algumas dessas pesquisas revelam produtos educacionais, recursos importantes para outros educadores que buscam fontes de inspiração para sua própria prática docente.

Referências

BANIWA, G. História indígena no Brasil independente: da ameaça do desaparecimento ao protagonismo e cidadania diferenciada. **Revista Iberoamericana de Filosofía, Política, Humanidades y Relaciones Internacionales**, Araucária, v. 24, n. 51, p. 263-290, 2022. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8724565>. Acesso em: 19 jun. 2024.

BARROS, E. C; VALENTIM, M. C; MELO, M. A. A. O debate sobre o mestrado profissional na Capes: trajetória e definições. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 2, n. 4, p. 124-128, 2005. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/download/84/80>.

Acesso em: 12 jun. 2024.

CASTRO, D. A. **Artes de fazer/modos de usar Etnomatemática e Práticas Culturais Indígenas Nokê Koî em Contextos Formativos**. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2019

D'AMBROSIO, U. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. **Educação e pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-120, 2005. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ep/a/TgJbqssD83ytTNyxnPGBTcw/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

D'AMBROSIO, U. Tendências e perspectivas historiográficas e novos desafios na história da matemática e na educação matemática. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v.14, n. 3, p. 336-347, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/emp/article/view/12769>. Acesso em: 09 mar. 2024.

D'AMBROSIO, U. Etnomatemática, justiça social e sustentabilidade. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 94, p. 189-204, 2018. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ea/a/FTmggx54SrNPL4FW9Mw8wqy/?format=html>. Acesso em: 12 jun. 2024.

D'AMBROSIO, U. Etnomatemática: passado e futuro. **Revemop**, Ouro Preto, v. 2, p. 1-14, 2020. Disponível em: <http://portal.amelica.org/ameli/jatsRepo/388/3881871017/html/>. Acesso em: 09 mar. 2024

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática-elo entre as tradições e a modernidade**. 6 ed., 2 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

FARIAS, C. A; MENDES, I. A. As culturas são marcas das sociedades humanas. In: FARIAS, C. A; MENDES, I. A. **Práticas Socioculturais e Educação Matemática**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2014.

FISCHER, T. Mestrado profissional como prática acadêmica. **Revista brasileira de pós-graduação**, v. 2, n. 4, p. 24-29. 2005. Disponível em:
<https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/74>. Acesso em: 12 jun. 2024.

FREIRE, J. R. B. Cinco ideias equivocadas sobre o índio. **Revista ensaios e pesquisa em educação**. v. 1, p. 1-23, 2016. Disponível em:
<https://periodicos.ufrrj.br/index.php/repecult/article/view/578>. Acesso em: 14 jun. 2024.

GALVÃO, M.C.B; RICARTE, I.L.M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion: Filosofia da informação**, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835>. Acesso em: 9 maio, 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GONZAGA, A. A. **Decolonialismo indígena**. São Paulo: Matrioska Editora, 2021.

LEITE, K. G. Pesquisas brasileiras em educação matemática situadas na interface entre etnomatemática e educação escolar indígena. VII Congresso Internacional de Ensino da Matemática. ULBRA. **Anais**. Canoas, Rio Grande do Sul. 2017. Disponível em:
<http://www.conferencias.ulbra.br/index.php/ciem/vii/paper/view/7606>. Acesso em: 10 maio,



2024.

LOPES DOS SANTOS, A. P. **O Ensino de Matemática por meio das crenças Guarani/Kaiowá e a repercussão na identidade de Professores Indígenas na região de Dourados/MS.** 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Científica e Matemática) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2019.

MACIEL, R. G. A; NOGUEIRA, H. G P. Mestrado profissional: desenvolvimento pessoal e profissional. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 9, n. 17, 2012. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/299>. Acesso em: 02 maio, 2024.

MAMPUCHE, E. L. **O Céu do Povo Manoki e seus Ensinamentos sobre a terra.** 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres, 2022.

MARTINS, A. A. P. LUCENA, I. C. R; MONTEIRO, J. A. Etnomatemática: uma revisão sistemática de trabalhos acadêmicos brasileiros (2005-2023). **Educação Matemática Pesquisa Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 472-498, 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/emp/article/view/62066>. Acesso em: 17 jun. 2024.

MENDES, L. O. R; PEREIRA, A. L. Revisão sistemática na área de Ensino e Educação Matemática: análise do processo e proposição de etapas. **Educação Matemática Pesquisa**, v. 22, n. 3, p. 196-228, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/emp/article/view/50437>. Acesso em: 05 mar. 2024.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S; DESLANDES, S. F; GOMES. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. São Paulo: Editora vozes, 2016. p. 9-28.

MOURA, A. P. A. **Saberes Guarani Tambeopé em aulas de Matemática da Educação Básica: um olhar Etnomatemático às suas Mbá'eitxa Oo Djadjapo.** 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação em Ciências e Matemática) - Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

NEGRET, F. A identidade e a importância dos mestrados profissionais no Brasil e algumas considerações para a sua avaliação. **Revista Brasileira de pós-graduação**, v. 5, n. 10, 2008. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/152>. Acesso em 19 jun. 2024.

OLIVEIRA, M. A. **Itinerários da Construção de um Livro Didático de Matemática a partir dos afazeres dos agentes Agroflorestais Indígenas do Acre.** 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2017.

OLIVEIRA DOS SANTOS, O. **O Ensino de Matemática com os índios Suruí.** 2018. Dissertação (Mestrado Profissional) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2018.

OREY, D. C. Insubordinações criativas relacionadas com a ação pedagógica do Programa Etnomatemática. In: D'AMBROSIO, B.S; LOPES, C.E. **Ousadia criativa nas práticas de educadores matemáticos**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015.



OKOLI, C. Guia para realizar uma revisão sistemática da literatura. Tradução de David Wesley Amado Duarte; Revisão técnica e introdução de João Mattar. **eaD em Foco**, 2019. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/748>. Acesso em: 15 maio, 2024.

PAIXÃO, R. B; BRUNI, A. L. Mestrados profissionais: características, especificidades, diferenças e relatos de sucesso. **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 279-310, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5335/533556763003.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2024.

PEDRO, I. S. **Etnomatemática presente na cultura e cosmologia Kaiowá da Aldeia Panambizinho/MS**. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Científica e Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Matemática, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2022.

PIQUET, R; LEAL, José A. A; TERRA, D. C. T. Mestrado profissional: proposta polêmica no Sistema Brasileiro de Pós-Graduação—o caso do planejamento regional e urbano. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 2, n. 4, p. 30-37. 2005. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/75>. Acesso em: 12 jun. 2024.

QUELHAS, O. L. G; FARIA FILHO, J. R; FRANÇA, S. L. B. O mestrado profissional no contexto do sistema de pós-graduação brasileiro. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 2, n. 4, p. 97-104. 2005. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/82>. Acesso em: 12 jun. 2024.

ROSA, M.; OREY, D. C. Tendências atuais da etnomatemática como um programa: rumo à ação pedagógica. **Zetetiké**, Campinas, v. 13, n. 23, p. 121-136, jan.-jun. 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/zetetike/article/view/8646982>. Acesso em: 09 mar. 2024.

ROSA, M; OREY, D. C. Fragmentos históricos do programa etnomatemática. **Anais**. 6º Encontro Luso-Brasileiro de História da Matemática, p. 335-358, 2014. Disponível em: https://cead.ufop.br/images/NOTICIAS_2014/23-06-14_Fragmentos%20historicos%20Milton%20Daniel.pdf. Acesso em: 09 mar. 2024.

SANDE, R. B. **Traçados Amazônicos do povo Bora e a Etnomatemática no processo de Ensino-Aprendizagem da Matemática**. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Matemática) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2022.

SAMPAIO, R.F; MANCINI, M.C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, v. 11, p. 83-89, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbfis/a/79nG9Vk3syHhnSgY7VsB6jG/?la>. Acesso em: 02 mar. 2024.

SANTOS, R. G. **Jogos Indígenas e Jogos Matemáticos na Educação Escolar Indígena Pataxó de Porto Seguro**. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Docência) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

SCANDIUZZI, P. P. O etnocídio, a etnomatemática e a perda científica. In:



RIBEIRO, J.P.M; DOMITE, M.C.S; FERREIRA, R. **Etnomatemática:** papel, valor e significado. São Paulo: Zouk, 2004.

SCANDIUZZI, Pedro Paulo. **Educação indígena x educação escolar indígena: uma relação etnocida em uma pesquisa etnomatemática.** UNESP, 2009.

SILVA, D. C. R. **O Fazer Pedagógico de um grupo de Profissionais da Educação Indígena: Um estudo de inspiração Etnomatemática.** 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas) - Universidade do Vale do Taquari, Lageado, 2020.

TROQUEZ, M. C. C. Educação escolar indígena no Brasil: por uma revisão de conceitos, de políticas e de práticas. **Horizontes-Revista de Educação**, Dourados, MS, v. 2, n. 4, p. 49-68, 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/4849>. Acesso em: 12 jun. 2024

VIRMOND, M. Mestrado profissional: uma síntese. **Salusvita**. Bauru, v. 21, n. 2, p. 117-130, 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Marcos-Virmond/publication/267831699_Mestrado_profissional_-_uma_sintese/links/545cffaa0cf2c1a63bfa5ccb/Mestrado-profissional-uma-sintese.pdf. Acesso em 12 jun. 2024.